

Imprensa Nacional  
Biblioteca Machado de Assis



B0021587

RA DE DIVULGAÇÃO  
ografia N.º 2

F  
922.281  
A539

# José de Anchieta

POR

QUIRÍCIO CAXA



o M. E. S.

946

F 922.281  
A539Yc  
ex. 2

# MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

MINISTRO :

Gustavo Capanema

## SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

Palácio da Educação — Edifício-Sede do Ministério da Educação  
e Saúde — 9.º andar — Salas 411/416

Enderêço telegráfico — EDEDOC.

DIRETOR :

Antônio Simões dos Reis

## SEÇÃO DE DIVULGAÇÃO

CHEFE :

Rômulo de Castro

## SEÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO

CHEFE :

Oswaldo José de Sousa

B00 215 87

COLEÇÃO BRASILEIRA DE DIVULGAÇÃO  
Série I                      Biografia                      N.º 2

# José de Anchieta

POR

QUIRÍCIO CAXA

★

F  
922.281  
A 539 Yc  
ex. 2

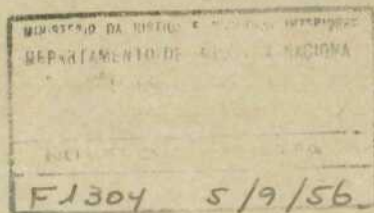
S. D. do M. E. S.  
1946

DE SEU NASCIMENTO E ENTRADA NA  
COMPANHIA

CAPÍTULO 1

**N**ASCEU o Pe. José de Anchieta numa Ilha das Canárias. Seu pai era biscainho, sua mãe procedia dos gentios naturais que nela se acham quando foi pelos cristãos conquistada. Aí aprendeu a ler e escrever e alguma coisa de latim; foi enviado a Coimbra onde com a grande habilidade que tinha cedo se mostrou dos melhores da primeira classe, e juntamente aprendeu a falar português tão pròpriamente como se mamara essa língua no leite, coisa que raramente se acha nos que têm a língua castelhana por natural.

Ouviu dialética, e tendo ouvido já um pedaço da filosofia, com pouca dificuldade foi recebido na Companhia pelas muitas esperanças que dava com sua boa índole, muito engenho e felicíssima memória. Entrando, começou logo a ser um vivo exemplo de virtude, em especial de devoção, humildade e obediência. Ajudava cada dia oito, dez e mais missas de geolhos com muito gôsto e devoção, ainda que com muito custo de sua saúde.



Porque da continuação dêste exercício, de ir por essa causa comer tarde e comer pouco, se lhe veio a gerar uma dor numailharga, que o atormentava muito. Mas êle não deixava de ir por diante com sua santa ocupação, nem lhe applicava outra mezinha mais que quando estava de geolhos lhe dava torcer o corpo, e apertar a mão, posta no ourelo, o lugar onde lhe doía. Tantas vêzes fêz isto e com tanta fôrça, por causa da grande fadiga, que veio a fazer tão grande abalo nas costas, que as tirou de seu lugar, ficando o espinhaço feito um S, com uma grande ponta para o ombro direito, e a outra para a ilharga esquerda. Sucedeu-lhe daí grande doença da qual nem as costas tornavam a seu lugar, nem êle nunca pôde cobrar saúde, pôsto que foi curado com mui grande diligência e os médicos fizeram nêle quanto sabiam de sua arte.

## DE COMO FOI ENVIADO AO BRASIL

### CAPÍTULO 2

Não tendo já os médicos que fazer, tendo novas os padres da terra do Brasil, ser muito sadia, determinaram com padecer também dos médicos que fôssem enviados a ela, e que poderia ser que um novo céu, nova terra, novos ares e novos mantimentos houvesse nêle e em sua disposição alguma mudança. Parece que por êstes meios quis o Senhor nesta terra transplantar esta generosa

planta, onde desse muito mais excelente e copioso fruto, de que pudera dar em Portugal, inda que tivera perfeita saúde, e assim para bem de muitos veio em companhia do Pe. Luís de Grã no ano de 53 onde pela misericórdia do Senhor com a benignidade do clima, favor dos ares mais puros, facilidade dos mantimentos, cobrou perfeita saúde, qual em corpo tão desengonçado se podia esperar, e nêle viveu 44 anos com grandes trabalhos e incomodidades e notável falta das coisas necessárias para vida humana como, em parte, desta relação se verá.

Entrando no navio lançou logo mão do fogão e cozinha, e assim da dispensa dos nossos com que a todos veio servindo, começando Nosso Senhor a lhe dar esperanças de melhor posição, que lhe havia de conceder, por êle assim o mostrava, que assim se havia de aproveitar dela, e empregá-la em servir a Deus como sempre fêz.

Chegando à Baía, em que estêve pouco tempo, foi enviado à capitania de São Vicente, onde residiam a maior parte dos da Companhia que no Brasil estavam. Aí achou o Pe. Manuel da Nóbrega, o qual conhecendo a muita virtude do Irmão e as muitas partes que nêle havia, para se poder ajudar dêle, lançou dêle mão, e o teve por companheiro quase em todos seus trabalhos e ocupações em especial depois que chegou a saber a língua do Brasil, que em tudo lhe servia de intérprete.

## DE COMO LEU LATIM

## CAPÍTULO 3

Como em São Vicente estava a maior parte dos nossos que então havia no Brasil e não tivessem nenhuns gêneros de estudo por falta de mestres, Pe. Nóbrega não nos deixava estar ociosos: antes com muito fervor que êle tinha e grande zêlo da perfeição os trazia abrasados em fervor de devoção, mortificação e tôdas as mais virtudes com vivo exemplo e contínuas práticas espirituais. E assim, enquanto não tiveram estudo, tôda a sua ocupação era vacarem a Deus com muita oração e procurarem muito de propósito sua própria perfeição. E com isto Nosso Senhor os quis dispor para que depois as letras fizessem melhor assento.

Chegado pois o Ir. José a São Vicente logo o Pe. Nóbrega ordenou lesse gramática aos nossos e a muitos *moços de fora, filhos de portugueses*. O qual êle fêz por alguns anos em Piratininga, por haver lá mais comodidade para a sustentação dos nossos, com muito proveito de todos e não com menos trabalho seu. Porque além do que o ler traz consigo, e sofrer a rudeza ou negligência dos discípulos, teve êle outros particulares, pela muita pobreza que se padecia e falta de outras achegas necessárias. Não havia artes nem livros por onde os estudantes aprendessem, pelo que lhe era a êle necessário suprir com sua pena escrevendo-lhes, por sua mão o

necessário para suprir a falta de livros. E como todo o dia tinha bem ocupado, era forçado cortar pelo sono. E assim ordinariamente não dormia senão 3 ou 4 horas e às vêzes menos, e algumas noites, e não poucas, lhe aconteceu passá-las em claro escrevendo até pela manhã.

Também a casa de sua habitação, onde liam, era tal e tão pequena que o fumo de tal maneira tomava posse dela que lhes era necessário, e menos trabalho, saírem à rua e sofrer os grandes frios e geadas que a êle. Juntava-se a isto que como não tinham outra cama senão rédes, nem outros cobertores mais que o fogo debaixo delas ao modo de índios, e os frios dali são muito grandes, era-lhes necessário, acabada a lição da tarde, irem mestre e discípulos buscar a lenha e trazê-la às costas, e depois boa parte do sono gastavam em atizar o fogo para poderem dormir alguma coisa. Por tudo isto passava o irmão com muita igualdade de ânimo e alegria de coração por ver que com êstes seus trabalhos se iam preparando obreiros que trabalhassem nesta grande vinha do Senhor, da conversão dos naturais da terra.

## DE COMO APRENDEU A LÍNGUA DO BRASIL

## CAPÍTULO 4

No meio destas ocupações e outras muitas com que o Pe. Nóbrega se aproveitava de sua indústria,

diligência e conselho, aprendeu a língua da terra, pondo de sua parte, além da muita facilidade que Deus para isso lhe tinha dado, muita diligência e aplicação, com o grande desejo que tinha de ajudar as almas dos naturais que por falta de obreiros padeciam muitas necessidades espirituais. E tanto de raiz aprendeu que não somente chegou a entendê-la e falá-la com toda a perfeição, e compor nela e trasladar as coisas necessárias para a doutrina e catecismo: mas veio a reduzi-la a certas regras e preceitos e compor arte dela, com que os nossos que aprendem a língua muito se ajudam.

Foi coisa maravilhosa o fruto grande que com esta sua língua fêz em proveito das almas, porque além do exemplo que deu aos mais e fervor que causou nêles para aprenderem com diligência, além da muita doutrina e práticas espirituais, assim públicas como particulares; além das muitas confissões que fêz, sendo intérprete; além dos muitos que aparelhou para o batismo e para bem morrer, que por seu meio, quanto se pode crer, estão na glória, ajudou a compor a doutrina, ou foi o principal autor dos diálogos das coisas da fé, confessionário, instrução para os que hão de ser batizados, e para ajudar os que estão para morrer, de que os nossos, que não são tão boas línguas, em extremo se têm ajudado e ajudam.

E, porque lhe não ficasse coisa, com que pudesse aproveitar, compôs também cantigas devotas na língua, para que os moços cantassem, porque para tudo tinha habilidade. Uma vez a êste propósito, desejando o Pe. Nóbrega impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, lhe mandou para que a noite do Natal fizesse um modo de representação devota, em português e na língua dos índios, com que todos se aproveitassem em devoção e alegria espiritual. Esta se fêz em muitas partes da costa, com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comunavam. E para N. S. mostrar que esta obra lhe era aceita sucedeu o seguinte: havia-se de representar em São Vicente, tendo-se já representado em Piratininga, e como o português tinha muitas coisas na língua, ajuntou-se toda a capitania, véspera da circuncisão. Estando toda a gente junta sobreveio uma grande tempestade, e sobre o teatro se pôs uma nuvem negra e temerosa, que começou a lançar de si algumas gotas grossas. Com isso se começou a gente a inquietar e a levantar. Acudiu o Ir. José dizendo que se aquietasse que não era nada. Fêz-se a obra, que durou três horas, com muita quietação, devoção e lágrimas, e, depois da gente recolhida em suas casas, descarregou a nuvem com tão grande tormenta de vento e água que a todos fêz espantar e louvar ao Senhor.

Este zêlo, de por via das línguas aproveitar aos índios, não se diminuiu nêlo com a velhice e pesadas enfermidades que com elas lhe sobrevieram. Porque tendo trazidos ao mar por via dos nossos uns índios chamados Maruminis, que é uma nação mui estendida pelo sertão, já que por outro modo não tinha fôrças para os ajudar, determinou-se de reduzir a certas regras sua língua, e fazer dela arte para com ela os nossos com mais facilidade poderem aprender sua língua. Ajudou-se para isso dalguns assim nossos como índios que sabiam sua língua e da costa. E saiu com seu intento e abriu caminho para ajudar uma nação tão grande e que tem algumas coisas que facilitam sua conversão: *scilicet*, não comer carne humana, não ter mais que uma mulher no comum e serem muito amigos dos portugêses e muito mais dos padres que têm cuidado dêles.

## DE COMO ESTÊVE CATIVO ENTRE OS TAMOIOS

### CAPÍTULO 5

Padecia a capitania de São Vicente grandíssima opressão dos contínuos saltos que os tamoios nela faziam levando-lhe seus escravos e algumas vêzes as próprias mulheres, que estavam em suas fazendas, entre as quais houve algumas das doutrinadas pelos nossos, que fizeram finezas, ainda que eram mestiças, deixando-se matar por não perderem a castidade. Sabia bem o Pe.

Nóbrega que a justiça estava da parte dos tamoios pelos muitos agravos que tinham recebido dos portugêses sem nenhuma satisfação, e pôsto que com muitas missas, orações, disciplinas e outras asperezas, procurava aplacar a justa ira de Deus contra seu povo: vendo que isto não bastava, determinou de procurar se fizessem pazes com êles com condições honestas e justas, porque concluindo-se, ficava a capitania livre, enfeitando-as êles ou quebrando-as, a justiça da guerra se passava aos portugêses.

Tratou isto com os da terra e ofereceu-se a ir êle em pessoa aos tamoios para as negociar, dali 26 léguas por mar. Partiu com o Ir. José, seu fidelíssimo companheiro. Ambos padeceram muito e passaram por muitos tragos da morte pelas muitas vêzes que índios do Rio de Janeiro vieram para os matar. E uma que com êles vinha a êsse efeito um crudelíssimo francês e inimicíssimo dos padres e portugêses foi necessário para escaparem, o Ir. José passar às costas o Pe. Nóbrega, que com as poucas fôrças deu com êle na água, e assim molhados se esconderam no mato, até que passou aquêlo perigo. Mas porque disto se trata na vida do Pe. Nóbrega sòmente direi aqui o que pertence ao Ir. José.

Depois de estarem como dois meses entre os tamoios foi necessário o Pe. Nóbrega tornar-se para São Vicente e deixar o Ir. José por arrefens das pazês. O qual em três meses que com êles estêve só, aproveitou



muito àquela gente, com doutrinas e práticas das coisas de sua salvação e com vivo exemplo da vida, e muitos se puderam batizar se estivera em parte mais segura de não tornar atrás. Pasmavam os carnais tamoios de ver um mancebo rodeado todo de um fogo babilônico e estar nêle sem se lhe chauscar um cabelo. Para se livrar destes ardentíssimos perigos e propinquíssimas ocasiões usava de muita oração e comunicação com Deus. Encomendava-se fortissimamente a N. Senhora de que era e foi devotíssimo, em especial de sua puríssima conceição. Usava da disciplina, que sempre teve em costume por persentíssimo remédio para tôda doença em especial para esta; e quando o Pe. Nóbrega o deixou, bem sabia quem deixava, de quem não menos confiava nesse particular que de si mesmo. Muitas vêzes vieram os tamoios de outras partes para o matar, mas sempre Deus o livrou por meio de seu hóspede, a quem ficou entregue, que era um índio mui principal e respeitado dos outros.

## DO FRUTO QUE N. S. TIROU DO SEU CATIVEIRO

### CAPÍTULO 6

Maravilhoso é Deus em suas obras! Por êstes meios tão estranhos veio êle rodeando a execução de sua divina

predestinação de três almas que para si tinha escolhidas.

A primeira foi dum menino que, por não ser legítimo, uma velha sua avó o enterrou vivo, como o têm por costume fazerem aos tais. Ouviu o Ir. acaso falar nisso a umas mulheres e perguntando onde o tinham enterrado, o desenterrou, e tendo passado mais de meia hora o achou vivo e o batizou, e com muitos rogos alcançou de algumas índias lhe dessem de mamar, porque todos tinham nojo dêle. Viveu com isso algumas semanas, e foi-se para quem tanto bem o tinha escolhido.

A 2.<sup>a</sup> foi de uma menina a qual batizou por estar *in extremis*.

A 3.<sup>a</sup> foi de um índio o qual seus contrários queriam matar em terreiro com suas festas acostumadas. Era isto noutra aldeia duas ou três léguas da em que êle estava. Teve novas destas cruéis e bárbaras festas, e começou a entrar em consideração se estava obrigado a acudir àquela alma, que parece estava em extrema necessidade espiritual. Por outra parte punha-se-lhe o evidente perigo da vida a que se punha, diante dos olhos por haver de ir só e sem companhia de quem o defendesse, por seu hóspede estar ausente, como a incerteza de conseguir o intento que pretendia; todavia vencendo o amor do próximo ao próprio e natural, postposto todo o temor, *non faciens suam pretiosrem quam se*, se resolveu esperando sòmente na Providência divina,

de acudir àquela alma rompendo por tudo. Favoreceu Deus tão santa determinação. Chegou à aldeia sem perigo, deram-lhe lugar os tamoios com tôda a sua fereza para falar com êle. Deu-lhe notícia das coisas necessárias para sua salvação conforme a estreiteza do tempo; obrou Deus interiormente e desejou ser cristão. Batizou-o logo e feito filho de Deus foi morto pelos filhos de Satanaz e sua alma foi recebida do que *ex utero matris eius* o tinha segregado para tão ditosa ventura e sorte. O irmão se tornou para sua aldeia sem perigo e com abundantíssima consolação em sua alma por ter ganhado para Deus, com tanto custo seu, aquela alma, que fôra comprada com sangue de seu Unigênito Filho.

Com êstes bons sucessos se lhe fazia mais tolerável o seu cativo, o qual como disse, durou quase três meses. Ao cabo dos quais concluídas e confirmadas as pazes, entrando já seguramente os Tamoios, e como amigos, na capitania de São Vicente, se determinaram os que para lá iam de o levar consigo como levaram numa canoa de casca. No cabo da jornada lhes deu tal tormenta, que nunca o irmão até então como êle dizia, viu tão perto a morte; mas pela misericórdia do Senhor depois de sete dias, porque eram vinte e seis léguas de caminho, chegaram a S. Vicente. A vista do irmão, encheu de alegria não sòmente ao Pe. Nóbrega e aos nossos, mas a tôda a capitania, porque de todos era mui amado e com aquela obra os tinha a todos mui obrigados,

e por seu respeito trataram muito bem e fizeram muito agasalhado aos índios que o levaram.

## DE COMO CONTINUOU NA CONVERSÃO DOS ÍNDIOS

### CAPÍTULO 7

Tirando o Ir. José do cativo tornou o continuar na conversão dos gentios e doutrina dos já convertidos. Era muito amado dos índios pela muita brandura com que procurava o bem de suas almas. Era muita sua caridade para com êles, ou curando-os em suas enfermidades ainda que fôsem muito nojentas e asquerosas. Uma vez tomou um índio pagão para o curar duma lepra, e fazendo-o cristão o sarou da lepra da alma e do corpo; não se negava para lhes acudir, nem de dia nem de noite, nem receava caminhos ásperos e compridos que fôsem, nem chuvas nem calmas, nem fomes, nem outros perigos que cada passo se ofereciam. Seu caminho era a pé e descalço por praias, montes e vales, o qual modo nem sendo provincial mudou, visitando as aldeias dos índios. A cada passo achava encontros de almas, que parece não esperavam mais que por êle, ou para o batismo ou para a confissão, e daí a pouco se iam para Deus. Muitas vêzes ia com um Pe. por uma praia, quase movido por outrem se desviava do caminho para o mato e dava com um

índio doente em alguma choupana e sabida sua necessidade vinha com muita alegria a chamar o Pe. para o batizar ou confessar: em que muitas vêzes se viu claro a providência de Deus para com todos, em especial de seus escolhidos, acudindo-lhes em tais tempos com remédios tão pouco esperados.

Uma vez, cansado o Pe. e êle das muitas confissões que tinham feito, sendo êle intérprete, se foram à praia que estava perto a tomar um pouco de alento e descanso. Acharam nela um índio ao parecer de cento e trinta anos, falou-lhe o irmão das coisas de Deus das quais nenhum conhecimento tinha. Recebeu muita consolação e mandou chamar seus filhos e netos, que tinha muitos, que ouvissem também aquelas coisas e ajudassem a aprendê-las. Não dormia de noite o bom velho com o gôsto e cuidado que tinha, ouvindo, e mostrava grande sentimento de seus antepassados carecerem de tanto bem. Finalmente depois de bem instruído por alguns dias foi batizado na igreja, da qual se não queria ir para casa, senão logo daí para o Céu. Mas pouco tempo lhe dilatou N. S. êstes desejos levando-o para si como êle desejava.

Tratando uma vez na salvação dos negros, disse que folgaria de morrer atolado num lameiro por acudir a sua salvação.

Nisto mesmo continuou e com mais fervor e zêlo depois de sacerdote que foi no ano de 65 quando já por

si só podia dar remédio. Ó quantas vêzes o vimos assentado sôbre um tição pegado com a rêde do índio doente, e às vêzes de doenças que podiam causar horror, consolando-o e esforçando-o com não menos afeto e brandura, do que u'a mãe pode ter em tal tempo com um filho que muito ama! E parece verdadeiramente que assim como seu gôsto em vida foi tratar com os índios e empregar-se todo em seu remédio, assim Deus lhe quis dar por última consolação que morresse entre êles, como adiante se dirá.

Como dito temos não sòmente procurava a salvação dos índios, mas como bom filho e bom discípulo do Pe. Nóbrega, por todos os modos defendia sua liberdade. E em pregações e práticas, reprendia e estranhava os maus tratamentos que os portugueses lhe faziam. Querendo uns homens em São Vicente fazer uma entrada aos carijós, fizeram dois navios prestes. Acudiu o Pe. José e públicamente repreendeu aquela ida pelas muitas injustiças que contra os pobres índios se haviam de cometer, mas êles foram por diante com sua determinação. O capitão dum dos navios sonhou uma noite pelo mar que caía por um rochedo abaixo, e que o Pe. José lhe pegara pelo cabeção e o livrara, repreendendo-o do caminho que levava. Acordando pela manhã, mandou virar a proa e tornou-se para sua casa. O outro quis continuar sua viagem, mas êle e tôda a gente se perdeu.

DE COMO FOI AO SERTÃO EM BUSCA DE UNS  
HOMENS ALEVANTADOS

## CAPÍTULO 8

Como a caridade do Pe. José era universal, não se contentava com acudir aos índios mas a tôda a necessidade de seus próximos se estendia assim espiritual como corporal. Havia na capitania de São Vicente uns mestiços, ou mamalucos, com mêdo do castigo por algumas graves culpas, que tinham cometidas se recolheram ao sertão com mulheres e filhos e mais famílias. Eram êles valentíssimos homens, grandíssimos línguas e de consciência mui rôtas e estragadas: pelo que se temia que apelidando-se o gentio a destruir a São Vicente e as mais povoações de portugueses. Vendo isto o Pe. José e que não havia fôrças humanas para estorvar êstes males, doendo-se juntamente da perdição de suas almas, se ofereceu a os ir buscar e trazer levando para isto perdões gerais do passado.

Foi com êle o Pe. Vicente Roiz e outros não sei quantos homens. E como Deus com sua infinita sabedoria sabia o que no caminho lhes havia de acontecer, proveu logo de remédio movendo um índio que se fôsse com êles tendo-lhe nascido naquele dia um filho, que é tempo em que êles por nenhum modo saem de suas casas, e nisso têm muito agouro. Mas por isso tudo rompeu movido pelo que só podia mover-lhe a vontade, como Senhor

absoluto dela. Tendo pois andado oito jornadas, indo por um rio abaixo numa canoa de casca, chegando perto de uma cachoeira ou salto grande, que fazia a água, com a fôrça da corrente caiu por ela e nunca mais appareceu nem coisa que fôsse dela. Iam a êste tempo os Pes. rezando as horas da Conceição de Nossa Senhora, mas para maior glória sua foi servida dar-lhes êste maior trabalho. Todos foram ao fundo, que seria de altura de quatro ou cinco braças, mas todos saíram a nado, só o Pe. José não apparecia. Andou êste índio de que acima falei muito tempo debaixo da água em sua busca, e não o achando se veio para cima a tomar fólhego e a descansar. Mas não lhe sofrendo o coração que o Pe. ficasse ali sem saber que era feito dêle, tornou com grande esforço a mergulhar e teve o Senhor por bem que depois de bem espaço deu com êle no fundo, pegou-lhe do fato e trouxe-o para cima vivo e são. A alegria que Deus a todos deu com êste bom successo foi bastante para temperar a tristeza passada. O Pe. enquanto estêve no fundo não perdeu o sentido, antes se guardou de beber águas, e sempre chamou por Santa Maria, Jesus. Estava tanto em seu acôrdo que não aferrou com o índio, porque não succedesse afogarem-se ambos, como às vêzes acontece; mas deixou-se levar por donde dêle aferrara.

Não se acabaram aqui os trabalhos daquele dia porque era já noite e chovia e achavam-se nos matos mui espessos, sem fato para mudar, nem mantimento para

comer, nem fogo para se remediar, nem uma choupana para se meter, nem caminho que pudesse seguir; mas como Deus, ainda que prove seus servos todavia não nos desampara nas tribulações, assim, às apalpadelas, foram dar nas casas daqueles homens que iam buscar, os quais vendo os nossos daquela feição, de tal maneira lhes moveu o coração que se lançaram aos pés do Pe. dizendo: ainda que meus pecados abrangerão a V. R. E., provendo-os de todo o necessário, os agasalharam com muita benignidade e caridade, e logo se resolveram de se vir com êle, como de feito vieram, pôsto que um dêles no caminho se começou a arrepender. Mas a muita brandura do Pe. e grande paciência, ajudando o irmão, foi bastante para com êles chegar a salvamento em São Vicente. Por estas coisas e outras era o Pe. sumamente amado, como verdadeiro pai de todos, e por tal era tido e reverenciado assim de índios como de portugueses.

## DE COMO FOI FEITO PROVINCIAL

### CAPÍTULO 9

Estando N. Pe. Everardo Mercuriano, de boa memória inteiramente informado e satisfeito das muitas partes que concorriam no Pe. José para se lhe poder entregar seguramente o cargo desta Província, nomeou-o por provincial nela, mandando-lhe sua patente ao Pe. Inácio Tolosa, que acabara de o ser, que lha entregasse,

o que foi feito no ano de 78. E foi o 5.º provincial do Brasil, contando por 3.º o Pe. Inácio de Azevedo, que vinha por provincial, quando o Senhor lhe fêz mercê que derramasse seu sangue por sua fé juntamente com seus companheiros.

Andava a êste tempo o Pe. José dando remédio a muitos índios que então nêle havia, que parece Deus o quis tirar como outro David do meio de suas ovelhas para lhe dar cargo doutras mais racionais e de quem êle mais se servia. Estava êle assentado sôbre um tição confessando uma índia doente. Quis o senhor da pousada dar-lhe outra coisa em que se assentasse, que não quis aceitar, dizendo que antes que acabasse aquela confissão lhe haviam de trazer outro assento de menos gôsto seu. E assim foi, porque antes de acabar chegou o barco em que o chamavam para lhe entregar o cargo.

Pôsto no cargo, que aceitou com muito sentimento e angústia do seu coração, não mudou nada de seu andar comum e acostumado, nem para com os índios, aos quais sempre acudia a pé e descalço, tôdas as vêzes que podia furtar o corpo às obrigações de seu officio, nem no tratamento de sua pessoa que sempre foi abatido e baixo e pouco oneroso a seus irmãos, como se dirá em seu lugar. Em tôdas as viagens que fêz por mar, quase tôda a noite vigiava, não por mêdo que tivesse, que assás era animoso e intrépido, senão porque os mais dormissem descansados. E quase todo êste tempo gastava em con-

tínua oração. Uma vez, tendo já pôsto o amito na cabeça, e começando a tomar a alva, veio-lhe dizer o porteiro que um homem lhe queria falar. Tornou a tirar o amito, dizendo: melhor é a misericórdia que o sacrificio. E depois veio a dizer a missa. O que aqui se podia dizer da mansidão, humildade, caridade com que governou, tocar-se-á no seu próprio lugar, pois estas virtudes e as mais não foram nêlo novas no tempo de seu govêrno, senão acostumadas em todo o tempo de sua vida. Teve o cargo perto de sete anos.

#### DAS LETRAS E PÚLPITO QUE TEVE O Pe. JOSÉ

##### CAPÍTULO 10

O Pe. José não teve mais estudo do que teve antes de entrar na companhia. Mas contudo teve suficiente doutrina, não sòmente para entender, mas também para resolver qualquer questão das ordinárias da teologia, assim especulativa como moral, e para poder pregar, sem perigo de dizer alguma dissonância. Para o qual além de ter maravilhoso natural se ajudou muito da comunicação do Pe. Nóbrega e do Pe. Luís da Grã. Também o ajudou muito a diligência e estudo que pôs para fazer o Diálogo da Fé, no qual se tratavam as principais matérias da teologia, e se resolviam suas dificuldades com tanta exação, como se fizera para os japões. Recopilou também com muita facilidade Soto, *De Just et Ver*, e

dois tomos *De sacramentis* do mesmo, apontando em seus lugares os doutores e opiniões que se encontravam com êle.

Da Escritura Sagrada teve muita notícia, e a trazia freqüentemente em suas pregações e mui a propósito por ter felicíssima memória. Aconteceu-lhe que desejando reduzir a um que se tinha saído da companhia, por ter muito boas partes para ela, escrever-lhe uma carta tôda de autoridade da Escritura sem misturar palavra sua, mas tão travadas e encandeadas e tão a propósito umas doutras, e tão acomodadas ao que pretendia, que não parecia senão carta feita dos próprios conceitos. Esta mesma notícia da Escritura e uso dela se vê bem na vida que fêz de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> em versos elegíacos.

A sua pregação mais cheirava a muita oração, contemplação e mui íntima comunicação com Deus, que a muito estudo por livros; mas como tinha o entendimento fecundo e o engenho delicado, tinha muita cópia de conceitos subidos e delicados, e com isto alcançava duas coisas: uma, que era a que êle pretendia, acender o auditório e movê-lo à devoção, compunção de seus pecados e lágrimas, aborrecimento de vícios, e amor de virtudes, à freqüência dos sacramentos, confissão e comunhão, e exercício de tôda a obra de virtude; outra que êle não buscava admiração a aplauso popular, "*quare nunquam sic locutus est homo*", coisas que raramente combinam e se acham juntas. Mas desta não

fazia êle mais caso do que quanto ajudava ao crédito e autoridade com que o que êle dissesse fôsse melhor recebido e com mais proveito das almas.

## DA MORTE DO Pe. JOSÉ

### CAPÍTULO 11

Teve sempre o Pe. José no Brasil doenças, causadas como da raiz da que teve em Portugal e do desencadernamento das costas, e ajudadas nesta terra com os muitos trabalhos, frios, fomes, cansaços e outras mil incomodidades corporais. Mas, com grande vigor do ânimo e fôrça do espírito e idade, a tôdas contrastava a de nenhuma se deixava acanhar nem sopear, até que ajuntando-se com elas a velhice e muita idade o derubaram e venceram.

Estava na capitania do Espírito Santo, e achando-se já muito fraco, desejou que o levassem a alguma aldeia de seus queridos e amados índios. Parece queria entregar a Deus o espírito, entre aquêles entre os quais havia ganhado, com muitos trabalhos, grande parte da perfeição dêle. Estêve aí alguns dias fazendo a doença alguns têrmos diferentes, até que, sendo o Senhor servido de lhe dar o ditoso prêmio de seus trabalhos, que, por seu amor e das almas que êle criou e com seu sangue remiu, tinha em 44 anos padecido no Brasil, apertou-o

tanto a doença que o acabou, recebidos os sacramentos com muita devoção, a 9 de junho de 1597.

Acharam-se à sua morte cinco padres dos que residiam nas aldeias, que logo entenderam em o levar à vila, temendo-se de alguma notável corrupção, porque por alguns sinais que em sua doença viram, se tinham persuadido que tinha gastado os intestinos e membros inferiores. Em sabendo os índios das aldeias de sua morte fizeram um grande pranto como soem fazer na morte de seus mui grandes principais. Porque bem entendiam que haviam perdido um pai que muito os amava e trabalhava muito por êles. Já na vila se sabia sua morte e querendo o Senhor honrar seu servo com um nobre e solene enterramento, causou um notabilissimo abalo e movimento em tôda a gente da capitania.

Acudiram ao Pôrto onde haviam de desembarcar com êle da passagem dum rio, o Administrador com todos seus clérigos, os religiosos de São Francisco que ali têm casa, o provedor e irmãos da Santa Misericórdia, com sua bandeira e tumba ricamente ornada, tôdas as confrarias com sua cêra e todos os mais da vila, altos e baixos, grandes e pequenos, homens e mulheres, escravos e forros. E com esta pompa e honrado enterramento, que era tudo o que podia dar a terra, o trouxeram o provedor e irmãos mais nobres da Misericórdia em sua tumba até à porta da Igreja, onde os nossos Pes. o tomaram e o

levaram ao lugar da sepultura. O Administrador com seus clérigos e os religiosos lhe fizeram o ofício com tôda a solemnia e música, e ao outro dia lhe disseram a missa, e pregou o Administrador, dizendo dêle muitas coisas de muito louvor, chamando-o Apóstolo do Brasil, e dizendo que bom pai e protetor haviam perdido assim todos os índios como portuguezes. Houve grandíssimo movimento de lágrimas em todos geralmente, assim no acompanhamento da praia como no ofício e pregação, porque de todos era geralmente amado e reverenciado, e muitos pela opinião grande que tinha de sua santidade, em vez de o encomendarem a Deus, se encomendavam a êle, que os favorecesse com Deus, tendo por certo que estava diante dêle, gozando de sua glória. Morreu de idade de 64 anos dos quais serviu a Deus 47, e os 44 no Brasil.

### DE ALGUMAS VIRTUDES QUE MAIS SE ENXERGARAM NO Pe. JOSÉ

#### CAPÍTULO 12

Se é verdade que tôdas as virtudes andam juntas como boas irmãs, certo é que o Pe. José as teve tôdas, e em muita perfeição, como no decurso desta relação em parte se tem mostrado. Mas contudo algumas foram nêle mais illustres e assinaladas, das quais tocaremos alguma coisa, com tôda a brevidade.

**ORAÇÃO** — Dizendo primeiro da fonte, donde elas tôdas se regam, crescem e têm sempre notável frescura, que é a oração e comunicação com Deus, da qual o Pe. José teve sempre muito uso, não só da ordinária da companhia, mas daquela que N. Pe. Inácio desejava fôsse mui familiar aos nossos, que consiste na contínua presença de Deus em todos os ofícios e exercícios, contínua atuação de bons desejos e propósitos de crescer sempre na perfeição. E verdadeiramente que fôra impossível levar o Pe. por tantos anos o pêso de tão contínuos trabalhos e incomodidades se, como outro São Paulo, não comunicara Deus neste modo de raptó algumas migalhas do prêmio que por isso lhe estava guardado.

Gastava muita parte da noite em tratar com Deus, não lhe sendo o sono impedimento pelo muito uso que tinha de vigiar a maior parte dela. Ela era sua companhia nos caminhos, sua consolação nos trabalhos, seu estímulo e alento para acudir tanto à sua custa, de noite, de dia, por chuvas e calmas, com fome, frio, riscos e perigos da vida, às necessidades espirituais e corporais de seus próximos. Finalmente daí tirava muita facilidade e suavidade no exercício de tôda a virtude.

**DEVOÇÃO** — Era mui devoto de N. Senhora em especial de sua puríssima conceição; compôs sua vida em versos elegíacos onde bem se enxergam os seus afetos abrasados e ferventíssimo amor para com ela. Foi



também devoto doutros santos mártires e virgens e a todos compunha hinos mui suaves e devotos. Sempre disse missa enquanto o vigor do espírito podia mover o corpo, ainda em suas passadas e contínuas doenças, e quando não podia comungava, porque era devotíssimo do Santíssimo Sacramento, o que lhe fazia ser mui sinalado no sermão do Mandato.

**CARIDADE** — Da sua caridade e amor de Deus e do próximo muito se tem visto no passado. Era tão mavioso que muitas vêzes lhe acontecia levantar-se de noite e atičar o fogo e botar brasas debaixo das rêdes dos índios com quem caminhava, estando êles dormindo. Daí também lhe procedia trabalhar muito, ainda que fôsse com padecer mais, por não dar moléstia nem trabalho aos irmãos, que por não acordar de noite se compunha com suas necessidades e as passava em gemer. Muitas vêzes deixava de dormir de noite por vigiar e acudir às necessidades dos irmãos que estavam enfermos. Estando muito doente desta derradeira doença se levantou uma noite e se foi à cozinha a fazer uma purga para outro doente, onde lhe deu um acidente, em que caiu em terra da muita fraqueza, que lhe causou agravar-se-lhe muito a enfermidade.

**MANSIDÃO** — Desta mesma raiz procedia nunca o verem agastado contra ninguém nem de fora de casa. Tudo acabava com brandura. Era mui compassivo para

os atribulados e tentados e tinha excelente maneira para os consolar e aplacar. Nunca soube querer mal a ninguém, e dizendo-lhe uma vez que parecia ter ódio a certa pessoa, respondeu que nunca em sua vida soubera que coisa era querer mal a ninguém.

**CONFIANÇA EM DEUS** — Tinha grande fé e confiança em Deus, gerada e confirmada muitas vêzes que N. Senhor, por meios não esperados, o livrou de perigos evidentíssimos e lhe acudiu a suas necessidades, quando todo o remédio humano faltava, e lhe dava saída e bom remate em negócios importantes que parecem estavam desesperados; assim nos perigos por grandes fôessem, nunca se desinquieta, mas sempre se conservava em grande paz e serenidade do ânimo; o qual além do dito, lhe nascia também de ter boa consciência satisfeita e contente que o não mordida nem molestava, ainda no tempo da morte presente, quando se mostra mui delicada e que nada dissimula.

**OBEDIÊNCIA** — Na obediência foi sempre um espelho de todos, porque era nela mui pontual, não sòmente nas coisas ordinárias e comuns, mas também nas árduas e ásperas e aí se refinava como por tôda sua vida mostrou. Estando nas aldeias do Espírito Santo, no cabo de uma doença, o superior da casa da vila lhe mandou dizer, seria bom viesse para a vila. Perguntou êle a alguns Pes. que aí estavam se lhe parecia que

estava para se bolir, sem notável perigo, para o tornar a propor. A todos pareceu que de nenhuma maneira estava para isso. Com isto pareceu aos Pes. que ficava quieto, porque se recolheu na cama como quem queria repousar; mas daí a pouco disse que estava resoluto em se ir para a vila, e que se morresse no caminho, pouco se perdia. Não quero, disse, agora no cabo da vida, deixar aos mancebos exemplo de desobediência. E assim o fêz. E foi o Senhor servido, parece que por êste ato de obediência, dar-lhe saúde daquela vez, e mais um ano de vida. Perguntado uma vez porque mostrava tão particular afeição a um irmão, respondeu: porque é obediente. E assim era, porque a êstes tinha particular amor e respeito.

**HUMILDADE** — Era humilde em grande maneira e verdadeiro desprezador de si mesmo. Sempre andava pobremente vestido e calçado; fazerem-lhe trazer uma roupeta nova era tormento para êle. Ainda no tempo que era provincial nunca se lhe enxergou, pretendesse louvor de ninguém, tendo tantas coisas de que com razão pudera ser louvado, nem com êle tiveram nunca entrada, os que por essa via pretendem valia com os superiores. Folgava com singelos, obedientes e devotos, e bem se podiam ter por tais os que com êle tratavam.

**A POBREZA. ASPEREZA** — Daqui lhe nascia a pobreza de espírito que êle muito amava. Nunca teve

nada. O mais pobre e velho breviário e chapéu era o seu. Não tinha coisa nem possuía, em que a cobiça ou curiosidade se pudesse levar. E sendo para todos brandíssimo, para si só era áspero. E tendo paz com todos, só consigo tinha guerra. Sentia de todos altamente e de si só, baixamente. Tomava disciplinas cruamente e muitas vêzes. De ordinário nunca dormiu em cama, senão, dobrado o colchão, sôbre êle vestido como andava, para ter mais facilidade para se alevantar de noite a ter oração.

**CASTIDADE** — De sua castidade está dito o que basta no capítulo 5.

**MORTIFICAÇÃO E PACIÊNCIA** — Foi muito mortificado em suas paixões, e de tal maneira as trazia sopeadas, enfreadas e sujeitas à razão, que nunca o desinquietavam, nem lhe causavam descompor-se em alguma cousa, por muita ocasião que se oferecesse. Foi um retrato vivo de paciência, a qual sempre se viu e notou nêle assim nos trabalhos e encontros desgostosos que se ofereciam, como nas doenças que teve, foram muitas e graves. Em especial, depois que a idade foi carregando e as forças começaram a desfalecer, sofria suas dores e moléstias com grandíssima quietação e paz, sem ser molesto a ninguém quanto êle foi.

DO ESPÍRITO DE PROFECIA QUE  
PARECE TEVE

## CAPÍTULO 13

Muitas coisas se contam dêste servo de Deus neste gênero, que pôsto que são todos ditos singulares, são porém todos os que os contam e em tão vários tempos e lugares que fazem grande probabilidade, e quase certeza moral de N. S. haver comunicado a êste seu servo sobrenatural conhecimento de algumas coisas, que êle naturalmente não podia alcançar. Destas contarei algumas, que parecem mais notáveis.

Vindo o Pe. José com o Pe. Nóbrega de Piratininga para São Vicente agasalharam-se no caminho numa choupana. Vinha com êles um homem muito amigo da companhia por nome Aires Fernandes. Estando já recolhidos, disse o Pe. José ao Pe. Nóbrega: Dorme V. R.? E, respondendo que não, lhe disse: Pois demos graças a Deus N. S. que os nossos alcançaram vitória dos contrários a cuja guerra tinham ido. Isto ouviu o mesmo homem, que fazia que dormia, e depois o contou ao nossos.

Êste mesmo homem trazia metido numa perna um pelouro de espingarda. Disse-lhe o Pe. hávos de cair em tal parte sinalando-lhe a Lájca da barra do Rio de Janeiro. E assim foi, que indo depois folgar numa canoa

por aquêlo lugar, veio um que o botou sôbre aquela pedra. E com êste movimento e fôrça lhe caiu.

Êste mesmo homem adoeceu no Rio de Janeiro, estando o Pe. na Ilha de Maricá, a sete ou oito léguas do Rio, fazendo uma pescaria. Chegou muito ao cabo com a doença e desejava muito ver o Pe. José antes de morrer. Um seu amigo escreveu ao Pe. uma carta do que se passava. Andava o Pe. uma noite passeando fora da choupana e sendo chamado por algumas vêzes, disse para irem ceiar: que ceassem e guardassem o seu quinhão. Daí a pedaço chegou um escravo de Aires Fernandes com a carta. Entrou o Pe. para dentro e mandou agasalhar o moço com o quinhão da sua ceia, dizendo que de propósito a mandara guardar para aquêlo escravo. E a seu senhor mandou dizer que não morreria daquela. E assim foi.

Na Capitania do Espírito Santo deram por novas a uma mulher que seu marido havia sido morto pelos franceses, indo para o reino. Vendo-a sua mãe tão desconsolada lhe disse: vai-te confessar com o Pe. José, e atenta muito bem pelo que te disser. Depois da confissão lhe disse o Pe. que seu marido fôra roubado, mas que não era morto, que cedo viria e traria remédio de vida. E assim sucedeu.

Indo êste mesmo homem, depois disto, a Angola, vieram novas à mulher que morrera lá. O Pe. lhe disse que não chorasse, que não era morto e que em tal dia

lhe entraria pela porta. E assim sucedeu, daí a sete ou oito dias.

Adoeceu um índio nas Aldeias do Espírito Santo por nome José; chegou a tais têrmos que o julgaram por morto e, assim, as índias se lançaram sôbre seu corpo como têm costume. Ao pranto acudiu um Pe. e apartando a gente e achando ainda sinal de vida no coração lhe deu a unção, e mandou logo recado ao Pe. José que lhe encomendasse a alma a Deus. Repondeu que já recomendara José a Deus e que não morreria daquela. E viveu alguns anos depois disto.

Na Capitania do Espírito Santo uma mulher, com pretexto de confissão e doença, mandou chamar um Pe. com danada intenção. O Pe., favorecendo-o Deus, se livrou de suas mãos com um bom ardil que usou. Tornando para casa achou o Pe. José que acabava de dizer missa e se estava despindo. E antes do Pe. lhe dizer nada, o Pe. José lhe disse: *Et ego rogavi pro te, Petre*, que assim se chamava o Pe., *ut non deficiat fides tua*. Parece que N. Senhor lhe revelou o perigo em que estava.

Caminhando um vez com um irmão, se alevantou um escuridade que metia medo, com uma nuvem mui negra sôbre êles. Disse o Pe. ao irmão: não hajais mêdo e confiais em Nosso Senhor que não nos havemos de molhar. E assim foi que chovendo por tôdas as partes,

êles não se molharam, indo sempre seu caminho. E o Pe. lhe disse que o não dissesse a ninguém.

Também se contam dêle algumas coisas maravilhosas, como que com seu barrete sarou um homem no Espírito Santo com o pôr na cabeça estando para morrer. Que 8 ou 10 homens o viram dizendo missa na igreja de N. Senhora, da vila de Pôrto Seguro alevantado um pedaço do chão, e querendo notar o dia e a hora não o ousaram, temendo não se agravasse o grande disto, que tão grande conceito tinham de sua grande humildade.

Também se tocou arriba no cap. 7 que tomando um índio pagão para o curar da sua lepra, batizando-o ficou livre da lepra da alma e do corpo.

Isto é o que brevemente se pode coligir da vida e morte dêste servo de Deus por relação dos Pes. e irmãos nossos, assim antigos como modernos, que o conheceram e conversaram, de algumas pessoas de fora, tais, que se lhe pode e deve dar crédito por razões que nelas concorrem de virtude e verdade.

O que com o que está contado se pretende é, que pois sabemos o caminho por onde foi e os meios de que usou para alcançar tanta virtude e perfeição, ponhamos os pés nas pegadas, que êle nos deixou sinaladas, e procuremos ser fiéis a Deus e verdadeiros filhos da Companhia, porque sem dúvida por aí iremos parar

no lugar onde êle agora está, gozando daquele que tantas mercês lhe fêz e com tantas bênçãos o proveu. Amém.

Depois de isto estar escrito um Pe. da nossa companhia contou algumas coisas que por êle ser testemunha de vista delas, e por elas serem dignas de memórias pareceu bem apontá-las aqui.

Estando no Colégio da Baía uns pedreiros assentando uns sinos, disse o Pe. José a um dêles, por nome João Fernandes, que cunhasse bem aquêles sinos, porque vós, diz, heis de ser o primeiro irmão da Companhia por quem se êles hão-de dobrar neste lugar. E a êste tempo era êle casado. E assim aconteceu daí a oito meses pouco mais ou menos, porque estando êle doente em casa já no cabo, arribando o Pe. numa viagem de Pernambuco, por ventos contrários, se foi logo aonde êle estava, e lhe disse: João Fernandes, a Virgem Maria Nossa Senhora, diante da qual vos haveis de ver daqui a oito dias, me mandou cá para que vos recebesse hoje na companhia (era provincial a êste tempo), na qual vos eu recebo por seu mandado. Peço-vos lembreis de mim quando vos virdes diante dela. E assim foi, que daí a oito dias faleceu irmão da companhia, por neste tempo não ter já mulher. E por êle se dobraram a primeira vez os sinos.

Na capitania desta costa estava uma mulher honrada doente. Não falava já e os dentes tão fechados, que nem com facas os podiam abrir. Havia já muitos

dias que parecia endemoninhada. Mandou lá o Pe. José a êste Pe. e lhe dissesse à orelha que o diabo lhe fechava a bôca e tinha a fala, para a levar ao inferno, por haver 30 anos que se não confessava por vergonha de certo pecado, nomeando-lhe. O Pe. lhe deu o recado e logo falou e se confessou e sarou da sua doença e ainda vive.

Navegando uma vez, com outros da companhia, uma noite lhe deu tão grande tormenta que todos se confessaram e aparelharam para o que Deus fôsse servido. Foi-se êste Pe. que acima disse confessar com êle, o qual lhe respondeu: Basta agora. Perguntou-lhe: por que? Não se há de perder o navio? Respondeu: não. E tornando-lhe a perguntar: E havemos de afogar e morrer aqui? Respondeu, como agastado: Não. Pois vou, disse êle, dizer isto aos Pes. que estão mortos de medo. Não vades, disse êle, que se perde que chamem a Deus?

Estando numa ilha, fazendo uma pescaria para o colégio do Rio de Janeiro, uma noite mandou guardar do que ceavam uma porção. E dizendo-lhe êste Pe.: deixe-me V. R. comer que tenho fome, respondeu êle: mais fome tem para quem a eu guardo. Depois de deitados, o Pe. se levantou e assentou sôbre os tições e disse aos companheiros que encomendassem um moço que ia para êles, e em tal parte, nomeando-a, está em muito perigo das onças. Lá encontra (sic) a meia-noite

chegou um prêto da Guiné, todo molhado e morto de frio, por a noite ser de grande tormenta, com uma carta. Agasalhou-o o Pe. e deu-lhe o que lhe tinha guardado, e tomando-lhe a carta sem a abrir, nem o prêto poder falar com o frio, disse a êste Pe. o que nela vinha, que era que Aires Fernandes estava muito no cabo e ungido. O prêto depois que comeu esqueceu do frio, contou o perigo das onças em que se vira no caminho. E dizendo ao outro dia missa pelo doente o Pe. disse, sendo perguntado, que não morreria daquela, mas que passaria mal. E assim foi.

Nesta pescaria desapareceu o Pe. um dia por espaço de quatro horas e buscando-o por diversas partes, foi êste Pe. dar com êle, assentado na borda d'água e costa brava, com os olhos no céu e as mãos postas debaixo dos braços. Fêz estrondo e chamou por êle, mas não acudiu, até que chegou e puxou por êle. Era quase preamar, e sendo a praia tôda igual estava coberta de maré, tirando um espaço por onde êle passar primeiro, e o lugar em que estava assentado, que seria de comprimento com 10 ou 11 braças e quatro espaço de largo. Indo-se o Pe., como iam saindo daquele espaço assim a maré o vinha logo cobrindo até chegar a seu lugar acostumado, dando bem a entender que o Senhor daquele furioso elemento lhe pôs freio por aquêle espaço de tempo, para que não espraiasse por aquêle lugar,

como outras vêzes soia fazer, por respeito e consolação de seu servo.

Na mesma pescaria faltou o Pe. um pedaço da noite da choupana, e tornando para dentro lançou fora uma penca de bananas, respondeu: a minhas companheiras. Pela manhã acharam fora da choupana o lugar onde o padre estivera, e rastro de duas onças que o acompanharam, cada uma assentada a sua ilhargá.

## ÍNDICE

De seu nascimento e entrada na Companhia .....	3
De como foi enviado ao Brasil .....	4
De como leu latim .....	6
De como aprendeu a língua do Brasil .....	7
De como estêve cativo entre os tamoios .....	10
Do fruto que N. S. tirou do seu cativo .....	12
De como continuou na conversão dos índios .....	15
De como foi ao sertão em busca de uns homens alevan- tados . . . . .	18
De como foi feito provincial .....	20
Das letras e púlpito que teve o Pe. José .....	22
Da morte do Pe. José .....	24
De algumas virtudes que mais se enxergaram no Pe. José	26
Do espírito de profecia que parece teve .....	32

1946  
IMPRESA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO - BRASIL



Volumes já publicados da

**COLEÇÃO BRASILEIRA DE DIVULGAÇÃO**

**Série I**                      **Biografia**                      **N.º 1**

**Nóbrega e outros** — Por Joseph de Anchieta

**Série II**                      **Etnografia**                      **N.º 1**

**Moral ameríndia** — Por Heitor Marçal

**Série III**                      **Filologia**                      **N.º 1**

**Júlio Ribeiro e Maximino Maciel** — Por  
Mário Casassanta

**A atual decadência da língua literária** — Por  
Gladstone Chaves de Melo